

**PARA ALÉM DO CAMPO E DA CIDADE:
MEMÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES DO OESTE DO PARANÁ (1970-2004)¹**

Jiani Fernando Langaro²

O presente trabalho faz parte de pesquisa em desenvolvimento, cuja problemática principal é o estudo de trajetórias e modos de vida de trabalhadores de diferentes categorias profissionais, que migraram para o Oeste do Paraná a partir da década de 1970 e atualmente vivem no município de Santa Helena³. Tal problemática é decorrente de minha própria inserção nessa sociedade, a partir da percepção da importância da migração na constituição do lugar, uma vez que praticamente todos os habitantes viveram tal experiência ou são filhos e netos de pessoas vindos de outros lugares.

A escolha por esse recorte temporal deu-se, dentre outros fatores, pela memória local privilegiar o período da chamada “Colonização do Oeste do Paraná”, ocorrida principalmente a partir das décadas de 50 e 60 do século XX, e no caso específico de Santa Helena a partir de 1920 com iniciativas limitadas. É comum essa mesma memória eleger os migrantes sulinos, descendentes de alemães e italianos como os sujeitos quase exclusivos desse processo. Tratam-no também como um período em que se constituiu uma sociedade de pequenos proprietários rurais, que desenvolviam uma agricultura familiar voltada à subsistência, silenciando sobre a diversidade social e as possíveis tensões então existentes.

Muitos trabalhos da historiografia regional⁴ incorporam certas noções dessa memória hegemônica local. Alguns autores⁵ também acabam por tratar o período do pós-1970 como um mero desdobramento dessa sociedade que teria sido formada a partir da “colonização”, mas transformada pela “mecanização da agricultura”. Esse processo teria integrado as zonas rurais do Oeste do Paraná ao mercado internacional, excluindo muitos agricultores, que viram-se obrigados a deixar o campo, indo viver na cidade, o chamado “êxodo rural”.

A constatação do intenso movimento de imigração/emigração da região e a diversidade social percebida localmente levou-me a questionar a idéia de que os

trabalhadores das décadas posteriores a 70 teriam uma origem comum na “colonização”. Sendo assim, tomei suas trajetórias como parte das questões a serem tratadas na pesquisa, juntamente com o estudo dos modos de vida que foram constituindo no Oeste do Paraná.

Nesse sentido, os diferentes processos sociais ocorridos na região passaram a ser tratados por mim não como marcos adotados de antemão, mas como algo vivenciado pelas pessoas, de maneiras diversas e constituintes de suas *memórias*. Procurei, assim, compreender também como as lembranças desses trabalhadores iam se inserindo na disputa entre as *muitas memórias* do local em estudo.

No trabalho de pesquisa com fontes orais, percebi que outros elementos compunham essa disputa pela memória local. Entre eles estavam as memórias dos viveres de tais trabalhadores, em sua relação com o campo e a cidade. Percebi, então, que esses sujeitos não constituíam viveres urbanos e rurais que fossem opostos e claramente distintos, mesmo quando as pessoas viviam na sede municipal, tratada por muitos como “cidade” por ser considerada “perímetro urbano”.

Para tanto, foi preciso desligar-me um pouco da atenção às transformações econômicas regionais e de campo e cidade como espaço físico. Procurei, então, realizar um diálogo com as pessoas, a fim de compreender como *rural* e *urbano* são tratados por elas em seus *referenciais culturais*.

Nesse caminho, foi importante a discussão de *cidade*, promovida por autores como Calvo, em seu trabalho sobre memórias de viveres urbanos em Uberlândia (MG). Conforme aponta: “...a cidade que emerge neste texto está imbricada nos referentes culturais de sujeitos sociais, nas percepções e sentimentos de pertencimento social destes sujeitos...”⁶. A cidade, nesse caso, é buscada não a partir de análises de políticas de urbanização, mas como uma relação estabelecida pelas pessoas com o lugar, na constituição de seus viveres urbanos.

Sendo assim, percebi que a dicotomia rural-urbano, apontada pela historiografia regional como resultado do “êxodo rural” e “urbanização” decorrentes da “mecanização da agricultura”, não era significada da mesma maneira por parte dos trabalhadores abordados

na pesquisa. Campo e cidade confundiam-se enquanto referências para a constituição de seus viveres, não existindo uma fronteira⁷ muito clara e externa a esses trabalhadores. Mesmo essa fronteira, constatei, era um processo histórico e em constituição, produzido por sujeitos e não da mesma forma por todos.

É justamente desse processo ainda inconcluso, em que trabalhadores do Oeste do Paraná, residentes no Município de Santa Helena a partir da década de 70, associam elementos rurais e urbanos na constituição de seus viveres ao mesmo tempo em que vão constituindo fronteiras não muito nítidas entre campo e cidade, que tratarei ao longo desse texto. Essa relação surge nas falas dos trabalhadores geralmente a partir de suas narrativas de trabalho, o que o evidencia não apenas como uma atividade, mas elemento a partir do qual as pessoas também constituem suas vidas.

No trabalho de campo com as fontes orais, foi muito importante o depoimento de Glades⁸, 43 anos, doméstica (diarista). Ela migrou para Santa Helena na década de 70, junto de seus pais quando ainda era criança, deixando o Estado de Santa Catarina. A partir de sua trajetória familiar, é possível notar que sua família chegou a alternar atividades rurais e urbanas, trabalhando na construção civil e posteriormente em um sítio. Após ter deixado o sítio, já na década de 80, a família fixou residência definitivamente na sede municipal de Santa Helena. Essa busca pelo trabalho rural, porém, continuou:

A senhora comentou que chegou a trabalhar como bóia-fria, também?

Trabalhei [risos]

Ah, é?

Nós ia, logo que a, que casei nós fomos trabalhar na bóia-fria, eu e meu marido. Uns tempos, acho que uns quatro, cinco ano que nós trabalhava de bóia-fria. Ganhava mais que de doméstica.

Ah, ganhava mais?

Sim, depois parou, né, agora parou essas folia de... domes, de... de trabalhar na roça, né. É só servicinho, meu marido também tá... não trabalha, não tá trabalhando. E assim, filharada da gente também tem pouco estudo. Trabalham de doméstica também.⁹

Glades menciona ao longo de seu depoimento que a atividade de bóia-fria não existe mais no município. Conforme aponta, isso se deve às inovações tecnológicas aplicadas à agricultura, que na década de 90 culminaram com o desenvolvimento de novos herbicidas e inseticidas, dispensando o trabalho manual nas lavouras de soja e milho, cultivados

predominantemente no município. Isso demonstra que esse “fechamento” no mercado de trabalho rural, para não-proprietários, não ocorreu de imediato, a partir da década de 70. A entrevistada, por sua vez, narra de maneira negativa a inserção no trabalho urbano, no seu caso como doméstica e de seu marido, que fazia atividades descontínuas, geralmente “bicos”.

As queixas dela, no entanto, podem estar relacionadas não apenas com o ganhar menos como doméstica, em comparação com o trabalho de diarista rural, mas com as próprias dificuldades que vivia no momento da entrevista. Acompanhando essa necessidade de encontrar novas formas de trabalho, na década de 90, o casal passou a enfrentar dificuldades para pagar o aluguel. Esse, provavelmente teve seu preço elevado em função da especulação imobiliária, favorecida pelo maior crescimento da sede municipal de Santa Helena, com o início do pagamento de *royalties* pela Usina Hidroelétrica de Itaipu¹⁰.

Sendo assim, relata que certa vez seu marido ficou desempregado e tiveram que deixar a residência em que viviam. Conseguiram uma casa no Conjunto Santa Rita de Cássia, cedidas gratuitamente pela prefeitura municipal. Porém, trata-se de um lugar estigmatizado localmente e talvez por isso afirme que encontrou dificuldades para se acostumar a viver ali.

Sua inserção no trabalho urbano, portanto, foi vivenciada a partir do desemprego constante do marido e da exploração de seu trabalho (remuneração menor que a recebida como diarista rural e ausência de carteira de trabalho assinada, de acordo com ela), além dos problemas de moradia. Nesse sentido, compreende o presente como derrota.

Mesmo assim, Glades afirma que prefere a Santa Helena atual, de onde não pretende mais sair. Isso apesar de ter sido excluída desse processo de “crescimento local”, restringindo, portanto, suas reclamações às transformações vividas no trabalho. Tais afirmações, todavia, acabam por demonstrar como ela vive, apesar de tudo, a possibilidade de melhorar de vida com o “desenvolvimento” do município. Esse projeto tornava-se mais claro ainda para ela a partir da expectativa de conseguir uma casa no conjunto habitacional que estava sendo construído naquele momento pela prefeitura municipal.

Outro trabalhador entrevistado, Juarez¹¹, 27 anos, eletricista, chegou no município em 1990, aos 13 anos de idade, também vindo com sua família. Haviam deixado, naquela oportunidade, o Leste do Paraguai, para onde rumaram 13 anos antes. Sua vida de trabalhador já havia começado ainda na infância, quando ajudava os pais nos afazeres rurais, no país vizinho.

Em Santa Helena atuou em diversos ofícios, também alternando atividades rurais e urbanas. É importante destacar, porém, a forma positiva como Juarez percebe sua profissionalização como eletricista, deixando de lado o trabalho que realizava numa chácara vizinha ao bairro em que morava. Sua inserção nessa atividade urbana é narrada por ele como uma vitória, resultado de seu empenho pessoal. Diferentemente de Glades, para Juarez a atividade urbana foi uma opção, dentre outras ao seu alcance. A profissão desempenhada pelo entrevistado também possui um certo *status* local que a coloca acima de outras atividades, como aquelas relacionadas à construção civil, em que Juarez também já havia trabalhado. Trata-se, portanto, da conquista de um lugar de reconhecimento social.

É preciso frisar, ainda, que no momento em que prestou seu depoimento oral, Juarez atuava como autônomo em Santa Helena e mantinha ao mesmo tempo um contrato fixo com uma indústria local, prestando assistência técnica aos aparelhos aquecedores de aviários por ela produzidos, recebendo por isso salário mensal. Possuía, ainda, casa própria quitada e um automóvel, usado em seu serviço, os quais também eram identificados por ele como parte de sua vitória. Desse presente de satisfação, relata seu passado de adolescente pobre, quando vivia uma relação entre campo e cidade a partir do trabalho de diarista rural:

(...) Eu me lembro que a gente, saía de manhã cedo, saía cindo da manhã, por exemplo, seis da manhã, e... no tempo do frio, né, é... teve um lugar que uma colheitadeira, um, uma, um terreno dum camarada, que passou uma colheitadeira e colhia os milhos, só que daí... o vento derrubou bastante milho, nas laterais da roça, ou, talvez a colheitadeira não pegou todos os milhos e daí a gente ia, a função nossa era catar os milhos, as espigas de milho que ficavam... (...) E a gente ia no tempo do frio fazer esse serviço, a gente chegava na roça, assim, os milhos estavam tudo branco, os milhos estavam tudo branco de geada, sabe, a gente tinha que... chegava lá mal, já, daí, muitas vezes a gente não agüentava trabalhar, daí o cara tinha que fazer um fogo lá, improvisado, a gente se esquentava um pouco as mãos, e... sete e meia, oito horas começava a trabalhar. Não usava luva, as mãos tu não sentia os dedos, né, porque tinha que catar aqueles milhos tudo congelado, fazer os montes dele... e... daí pegava, *era um serviço terrível, era um serviço terrível*. Muitas vezes com chuva, sabe, a minha mãe estava grávida, ela... ia junto com nós colher algodão, por exemplo, assim, é... grávida dum...cinco,

seis meses, já, o algodão você tem que amarrar uma bolsa na cintura, é uma bolsa grande (...) e ela grávida, fazendo esse serviço, assim, e... quando a gente vinha embora, à noite, muitas vezes chovia, daí ela, é tomava, chuva, se molhava toda, é... no inverno, daí o pessoal pegava, pra esquentar comprava bebida, pinga, mesmo, assim... [riso] em litro, daí pessoal em cima do caminhão tomava para se esquentar, inclusive ela, também, sabe, não era, ela nunca, bebia, mas... a necessidade, frio, tudo aquilo lá, acabava... a gente, até eu de menor ainda, acabava tomando, né, aquilo lá, assim, pra tentar... se aquecer. *E... não sei como que a gente não ficava doente, assim, [voz mais baixa] passando por uma, situação, dessa daí.*¹²

Nesse momento, o entrevistado apresenta uma outra memória de Santa Helena, em que a vida de trabalhadores pobres aparece como central. Apresenta, ainda, o trabalho de diarista rural de uma maneira bastante negativa, qualificando-o como “terrível”, que forçava os trabalhadores a adotar certas práticas por ele consideradas “insalubres”, principalmente para mulheres grávidas, como sua mãe, bem como aqueles que chama de “menores”. Aqui é perceptível que tais referências fazem parte de sua trajetória de vida posterior. A concepção de maternidade e infância que apresenta provavelmente é a que atualmente possui, ou ao menos considera como ideal, e que em outros momentos de seu depoimento parece projetar sobre sua família, isto é, sua esposa e filhos.

É importante notar aqui que tanto ele quanto Glades projetam as tensões vividas para o tipo de trabalho exercido e não sobre pessoas e relações de exploração. Tais percepções, no entanto, compõem suas memórias e fazem parte de sua atuação social.

Em sua profissionalização enquanto eletricitista, por outro lado, é possível notar que Juarez começa a estabelecer uma fronteira mais precisa entre rural e urbano, projetando sua vida a partir da atividade urbana que desempenha. Ao mesmo tempo, compreende o crescimento da sede municipal como algo positivo, pois teria trazido uma grande valorização para as propriedades do bairro onde vive. Isso teria ocorrido principalmente com a construção da sede da extensão da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) ali perto. Manifestava também expectativas quanto ao projeto da prefeitura municipal em edificar um estádio nas imediações, o que segundo ele, traria uma valorização ainda maior para o lugar.

Se por um lado, o trabalho como diarista rural praticamente desapareceu no município, diminuindo o movimento de trabalhadores residentes na sede municipal para as lavouras rurais, o contrário continua ocorrendo. É o caso de Priscila¹³, 40 anos, agricultora, que

migrou do Estado de Santa Catarina, também junto de seus pais quando ainda era criança. Atualmente é proprietária de uma pequena área rural onde trabalha com seu marido e filhos. Parecem adaptar-se bem à agricultura capitalista voltada ao mercado externo, desenvolvida regionalmente, procurando diversificar as atividades, uma das últimas tendências do setor. Possuem, assim, além do plantio de soja e milho, produção leiteira, enquanto planejavam implantar um aviário. Além dessas atividades, a entrevistada também atua como vendedora de artigos de confecções, rumando semanalmente para a sede municipal e outras localidades próximas de seu sítio, a fim de realizar tal atividade, conforme aponta:

Venda de roupa, que daí foi até que, que a mulher da loja aqui, comecei com uma mulher aqui de [distrito municipal de] Sub-Sede [São Francisco], da loja, vendendo, daí que ela falou que... me dava porcentagem, pra mim revender, o que eu não revendia eu levasse de volta, daí eu comecei. Daí eu... depois que eu comecei, às vezes eu tento parar, tem épocas que é ruim, daí eu desanimo, daí depois dá uma melhorada, anima de novo e sempre dá um lucro extra, pra... ajudar nas despesas. (...) E... eu faço isso também porque eu gosto de fazer, assim, me sinto bem fazendo esse tipo de coisa, vendendo... porque além de vender, você consegue.. você aprende muito com as pessoas que você lida, você... convive com outras pessoas, é muito, é gostoso, assim, *o mais não é tanto pelo dinheiro que ganha, como a valorização que você tem, assim, amizade que você... consegue ter com outras pessoas que você não ia conseguir ter.* Sempre tem pessoas novas que você vai, que vão entrando e você vai conhecendo e... é muito bom, daí eu gosto de fazer esse tipo de coisa mais por isso mesmo.¹⁴

Priscila parece levar uma vida confortável em seu sítio. A atividade de vendedora não parece mesmo ser realizada a partir de uma necessidade material. Percebo, assim, que ela busca certos elementos que não encontra de maneira satisfatória em seu trabalho de agricultora, como a possibilidade de sair, trabalhar fora da propriedade rural, conhecer pessoas diferentes e fazer novas amizades. Ao mesmo tempo, ela parece buscar um reconhecimento social que não encontra na atividade agrícola, tratando-se de uma necessidade produzida para além do material. Na busca por satisfazê-la, a entrevistada estabelece uma relação entre rural e urbano, associando tais elementos na composição de seu modo de vida.

É importante perceber, assim, que a dissociação entre rural e urbano, no local em estudo, é um processo em constituição, não determinado ou delimitado pelos aspectos econômicos ou físicos, mas constituído pelas pessoas em seus referenciais culturais. A partir de certas oportunidades ofertadas na sede municipal de Santa Helena, ampliadas com

o crescimento decorrente da aplicação dos *royalties* de Itaipu, e do aproveitamento de tais espaços por muitos trabalhadores, parece começar a se esboçar, para alguns sujeitos, uma noção de *cidade* enquanto lugar de onde se projetam maneiras de viver e trabalhar.

Todavia, a *região* parece prevalecer como uma referência de lugar, mesmo para os vários trabalhadores que migraram diretamente para Santa Helena e permanecem nesse município até o presente momento. É esse possivelmente o local de onde boa parte das pessoas do Oeste do Paraná projetam suas vidas, fator também evidenciado pela intensa movimentação de trabalhadores locais por entre os municípios que o compõem. A *região*, dessa forma, ainda é a referência que se constitui *para além do campo e da cidade*.

¹ O presente trabalho faz parte de pesquisa de Mestrado em História Social, em desenvolvimento junto a UFU – Universidade Federal de Uberlândia, (3. semestre), financiada pelo CNPq.

² Endereço Eletrônico: jflangaro@yahoo.com.br

³ Município localizado na fronteira com a República do Paraguai. A economia local é basicamente agrícola, baseada no plantio de soja e milho em minifúndios. A população total era de 19.252 em 1990, de acordo com IPARDES. *Caderno estatístico: Município de Santa Helena*. Curitiba, 1998.

⁴ Entre outros ver: COLODEL, José Augusto. *Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena no oeste paranaense até 1960*. Santa Helena-PR: Prefeitura Municipal de Santa Helena, 1988; GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: a dinâmica da colonização do oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970*. Niterói-RJ: UFF, 1997. (Tese de Doutorado); e SAATKAMP, Venilda. *Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel-PR: ASSOESTE, 1985. Essa imagem da “colonização” é presente em muitos outros trabalhos monográficos locais. Outras obras questionam tal versão da história local, entre eles: CESCNETO, Eugênia Aparecida. *Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no oeste paranaense. (Toledo, 1980/1999)*. Niterói-RJ: UFF, 2002. (Dissertação de Mestrado); e GONZALEZ, Emilio. *As camadas da Memória: Perfil reflexivo da produção historiográfica e memorialista sobre a cidade de Marechal Cândido Rondon (1950 – 1998)*. Pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC/CNPq – Unioeste, orientada pelo Prof. Robson Laverdi, do Departamento do Curso de História da Unioeste; e LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores na paisagem social do Extremo Oeste Paranaense (1970-2000)*. Niterói-RJ: UFF, 2003. (Tese de Doutorado).

⁵ Dentre eles destaca-se: SCHREINER, Davi Felix. *Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná*. 2. ed. Toledo: Ed. Toledo, 1997; e SCHLOSSER, Marli T. S. “Modernização agrícola: um estudo de discursos jornalísticos na região oeste do Paraná (1966-1980)”. In: LOPES, Marcos A. (org.) *Espaços da memória: fronteira*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. CESCNETO, op. cit., em seu trabalho sobre catadores de lixo em Toledo (PR) destaca a presença de migrantes vindos de diferentes locais, a partir do crescimento urbano dessa cidade.

⁶ CALVO, Célia Rocha. “Muitas memórias, outras histórias de uma cidade: Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia”. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 157.

⁷ Sobre a noção de *fronteira* como algo produzido pelas pessoas ver: KHOURY, Yara. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON et. all. op. cit. pp. 126-127.

⁸ GLADES. 43 anos. Doméstica (diarista). Entrevista realizada em 13/07/2004, terça-feira à tarde, na residência da entrevistada, Conjunto Santa Rita de Cássia.

⁹ Idem. pp. 4-5.

¹⁰ Em 1982, aproximadamente 1/3 (um terço) da área do Município de Santa Helena foi alagada para a construção do reservatório da Itaipu Binacional enquanto que a prefeitura municipal passou a receber as somas em *royalties* a partir de 1990, de acordo com: WELTER, Clarice. *Santa Helena Turística: a construção de um discurso*. Marechal Cândido Rondon-PR: Unioeste, 2002. (Trabalho de Conclusão de Curso).

¹¹ Jarez. 27 anos. Eletricista. Entrevista realizada em 11/07/2004, domingo à tarde, na residência do entrevistado, Conjunto Padre Martinho.

¹² Idem. p. 28. Grifos meus.

¹³ Priscila. 40 anos. Agricultora. Entrevista realizada em 25/07/2004, domingo à tarde, em sua residência na Linha Guarani, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena.

¹⁴ Idem. p. 5. Grifos meus.